



O designer francês Noé Duchaufour-Lavrance desafiou dois oleiros de Molelos, Tondela, a produzirem uma coleção de peças de barro negro, agora em exposição na Made in Situ

Uma mão-cheia de novas galerias

Em Lisboa, a arte contemporânea ganhou cinco moradas que ainda cheiram a novo. Fomos conhecer quem está por detrás destes projetos e não se remove perante uma pandemia

SUSANA LOPES FAUSTINO slopes@visao.pt

MADE IN SITU

A exposição *Barro Negro* é uma viagem às tradições portuguesas, com paragem em Molelos, Tondela, onde Noé Duchaufour-Lavrance fez a primeira coleção para a galeria *Made in Situ*, aberta em setembro, perto da Praça da Alegria. O designer mudou-se para Portugal em 2018, à procura de uma vida menos corrida do que a que tinha em Paris. "É um privilégio sairmos da nossa zona de conforto e podermos olhar as coisas de uma forma diferente", afirma. Apresentadas com uma cenografia imersiva, as peças da coleção têm lugar de destaque no centro da sala. Ouve-se o crepitar do fogo, numa coletânea de sons recolhidos por Musilínez, veste-se a fragância criada por Daphne Dupuy a partir de botânica da região e, num vídeo, descobrem-se as personagens desta história que, além de Noé, incluem os artesãos Xana Monteiro e Carlos Lima – foram eles que moldaram, na roda de oleiro, os vasos, os candeeiros e os difusores. "Quis reproduzir, aqui, a experiência vivida durante o processo de cozedura das peças na soenaga. Foi um momento muito especial, místico", diz Noé, que descobriu o barro negro numa visita ao Museu Nacional de Etnologia e só depois a técnica ancestral (numa covia feita no chão, as peças são colocadas sobre casca de pinheiro, ervas e raízes secas, e depois cobertas com torrões de terra, ateando-se-lhes o fogo). "Interessa-me esta ligação do material com a natureza de cada lugar, do saber-fazer intrínseco, a riqueza de cada território." Na *Made in Situ*, Noé continuará a mostrar coleções de edição limitada, desenhadas por si com a colaboração de artesãos nacionais. "O ponto de partida é sempre o design, depois há uma leitura e uma contextualização que podem vir a ser feitas em conjunto com outros talentos, como chefes de cozinha ou músicos."

Tv. do Rosário, 16, Lisboa > T. 01 894 4390 > visitas por marcação

CAMPO PEQUENO ART GALLERY

Pintura, colagem, desenho, escultura, cerâmica, vidro, bordado... São várias as técnicas, os materiais e os estilos representados nas obras que integram *Descorfinamento*, a mostra inaugural da Campo Pequeno Art Gallery. Nesta nova sala de exposições, no Centro Comercial do Campo Pequeno, em Lisboa, a produtora de espetáculos Everything is New dá lugar a artistas nacionais emergentes, com menor capacidade de promoção e divulgação. "É um projeto especial, surge numa fase em que é preciso ter coragem para abrir uma galeria para mostrar jovens nas mais variadas vertentes das artes", nota a curadora Maria José Cabral. A exposição reúne 36 obras, quase todas produzidas durante o período de confinamento, de 14 artistas: Beatriz Lixa, Carolina Vaz, Duarte Burnay, Engrácia Cardoso, Isabel Murteira, João Teixeira, Maria Castel Branco, Maria José Cabral, Martinho Pita, Pedro Abrantes Nunes, Pedro Paixão, Pedro Versteeg, Simão Mota Carneiro e Sofia Alves. "Os trabalhos não representam necessariamente o período em que estivemos confinados, embora tenham sido criados neste contexto. São dedicados a vários temas, mas indistintamente relacionam-se. É o caso de uma obra que apresenta um homem a mergulhar, uma espécie de apelo à saída, ao desconfinar", explica a curadora. A mostra inaugural pode ser vista até 7 de novembro.

Centro de Lazer do Campo Pequeno, Lisboa > seg-dom 11h-20h

